

The background of the cover is a light orange color with faint, stylized line drawings of archaeological site plans and topographical features. A prominent white curved line sweeps across the middle of the page, separating the title from the subtitle.

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.ºs 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Iulia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadeira sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

A NECRÓPOLE DA ALTA IDADE MÉDIA DO CASTRO DE SÃO DOMINGOS (LOUSADA, PORTUGAL)

Paulo André Pinho Lemos¹, Manuel Nunes², Bruno M. Magalhães³

RESUMO

No decorrer do projeto de investigação ‘Escavação, estudo e musealização da Casa Romana do Castro de São Domingos’ (Lousada, Portugal) foram identificadas, até ao momento, 26 sepulturas. Em nenhum dos 23 sepulcros escavados, incluindo três sepulcros identificados como pertencentes a indivíduos não-adultos, foram encontrados ossos humanos preservados. Foi apenas recuperada uma fivela em bronze como espólio associado. A arquitetura funerária permitiu identificar três fases distintas de enterramentos. A proximidade de vias é por vezes apontada como condicionante para a localização das sepulturas. Através da análise de paralelos existentes é proposta uma cronologia para utilização da necrópole entre a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média que apenas futuras campanhas arqueológicas poderão ou não confirmar.

Palavras-chave: Idade do Ferro; Época Romana; Alta Idade Média; Necrópole; Sepulturas.

ABSTRACT

Twenty-six graves were identified within the research project ‘Excavation, study, and musealisation of the *Casa Romana do Castro de São Domingos*’ (Lousada, Portugal). No human bones were recovered from any of those tombs, although the length of at least three of them indicates that they would have belonged to non-adult individuals. The single asset recovered from these graves was a bronze buckle hoop. The funerary architecture of the necropolis displayed three different types of graves. The proximity of roads is sometimes the main condition underlying the choice of the location of a necropolis. By analysing existing data regarding other similar structures, it is possible to propose a chronology which established that this necropolis would have been in use between the Late Antiquity and the Early Middle Ages.

Keywords: Iron Age; Roman period; Early Middle Ages; Graveyard; Burials.

1. A INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA NO CASTRO DE SÃO DOMINGOS

A primeira referência expressa ao Castro de São Domingos surge nas Inquirições de 1258 (Academia das Ciências de Lisboa, 1888-1897, p. 542). Apesar disso, é apenas nos inícios do século XVIII que o Padre Carvalho da Costa, a propósito da freguesia de Cristelos, tece os primeiros comentários que po-

demos considerar científicos acerca do sítio arqueológico: “*Aqui está o Monte de Crasto de S. Domingos, que tomou este nome de huma Capella que teve deste Santo: tem sinais de fortificação, que pelo nome supomos ser dos Romanos*” (Costa, 1706, p. 382). Já no último quartel do século XIX, Augusto Barbosa de Pinho Leal reitera as informações veiculadas pelo padre António Carvalho da Costa, dando conta que “*N’esta freguezia ha o monte do Crasto, onde ha ves-*

1. Arqueólogo. Coordenador do projeto de investigação “Escavação, estudo e musealização da Casa Romana do Castro de São Domingos” / paplemos@gmail.com.

2. Arqueólogo. Câmara Municipal de Lousada.

3. Arqueólogo/Antropólogo. Departamento de Ciências da Vida, Universidade de Coimbra, 3000-456 Coimbra, Portugal; Centro de Investigação em Antropologia e Saúde (CIAS), Universidade de Coimbra / <https://orcid.org/0000-0002-1596-5193>.

tígios de fortificações, do tempo dos romanos” (Leal, 1874, p. 450). Poucos anos depois, após visita ao local, presumivelmente entre 1880 e 1882, Francisco Martins Sarmiento identifica o castro de São Domingos pela primeira vez na literatura científica (Cardozo, 1947, p. 56). Em 1887, Augusto Viera (1887, p. 355) acrescenta que “*No monte do Crasto ha vestígios de fortificação antiga, romana provavelmente conforme o proprio nome e até o da freguezia o estão dizendo*”.

Já no século XX diversos autores debruçam-se sobre o povoado (Peixoto, 1913, p. 1; Lanhas, 1971, p. 575; Silva, 1986, p. 84; Dias, 1997, p. 302), com destaque para Domingos de Pinho Brandão que, em 1957, se tornou o primeiro autor a proceder à recolha de material arqueológico (Pinto, 2008, p. 51), espólio que viria a ser depositado no Museu do Seminário Maior e seria alvo de um primeiro estudo por parte de Adília Alarcão (1958, pp. 262-264). Apesar destes primeiros contributos científicos, o Castro de São Domingos apenas seria objeto de uma investigação continuada entre 1994 e 1998 graças às campanhas de escavações arqueológicas de Marcelo Mendes Pinto e, já no século XXI, entre 2009 e 2011, através das campanhas dirigidas por Manuel Nunes, Paulo Lemos e Joana Leite (Lemos, Nunes & Leite, 2015a) e, a partir de 2017 até novembro de 2022, pelas intervenções orientadas pelo primeiro autor do presente trabalho.

2. O CASTRO DE SÃO DOMINGOS E A DESCOBERTA DA NECRÓPOLE

O Castro de São Domingos constitui o maior e mais bem preservado povoado proto-histórico identificado ao longo da bacia do Mezio, território que atualmente se insere, na sua quase totalidade, no concelho de Lousada, conservando, na sua área de implantação, importantes vestígios associados ao povoamento da Idade do Ferro, correspondentes às denominadas Fase IIA e IIB (século VI a.C. até à segunda metade do século III a.C.) e Fase IIIA e IIIB (século II a.C. à segunda metade do século I a.C.) da denominada ‘cultura dos castros’ (Silva, 1986, pp. 65-66) que, por volta do século II a.C. e sensivelmente até à segunda metade do século I a.C., portanto já no quadro da romanização, vive o seu período *optimum* (Martins, 1990, p. 206).

A conquista e consequente destruição do povoado, provavelmente no decurso das Guerras Cantábricas (26-19 a.C.), é apontada por Marcelo Mendes Pinto (2008, p. 60) como ponto de partida para a sua reor-

ganização espacial, que levará ao abandono paulatino da coroa do monte em favor das plataformas da meia-encosta. Será então no decurso deste processo de reordenamento que se terá verificado a construção de um polo habitacional implantado na encosta virada a sudeste – localmente denominado ‘Casa Romana’ do Castro de São Domingos (localizado na União de freguesias de Cristelos, Boim e Ordem, concelho de Lousada e distrito do Porto) e inserido na área de proteção do sítio arqueológico – cuja descoberta e escavação revelaram uma área arqueológica de lata cronologia de onde sobressaíram, desde o início, diversas dependências de uma estrutura habitacional romana (séculos I a III d.C.) que apropriara um pátio lajeado e uma antiga habitação circular da Idade do Ferro (século I a.C.) (Pinto, 2008, p. 55-56). Entre 2017 e 2022, a implementação do projeto de investigação ‘Escavação, estudo e musealização da Casa Romana do Castro de São Domingos’ permitiu subsidiar consideravelmente o conhecimento acerca da ocupação humana deste polo, tendo os trabalhos revelado uma multiplicidade de níveis ocupacionais de distintas cronologias da Idade do Ferro e de época Romana. Anterior a toda esta realidade foram ainda identificadas 63 fossas de morfologia variável escavadas no geológico natural, sem que seja perceptível qualquer tipo de disposição ordenada na ocupação do espaço (Nunes *et al.*, 2011, p. 63; Lemos & Pereira 2017, p. 41-45; Lemos & Pereira 2018, pp. 31-33; Lemos, 2022, pp.33-42; Lemos, 2023, pp. 20-28). A diversidade de formas e dimensões estará relacionada com os diferentes aspetos da sua funcionalidade, realidade que nos remete para um horizonte cultural provavelmente coevo das comunidades da Idade do Bronze Final (Martins, 1988, p. 79) e reforça a ideia de uma certa continuidade entre este período e a Idade do Ferro (Dinis, 2001, p. 122).

No decurso da campanha de 2017 foi detetado, no extremo sudeste da área da Casa Romana, parte de uma necrópole medieval. É sobre estas estruturas funerárias, cujos contornos crono-culturais começamos agora a compreender, que se centra o esforço interpretativo do presente trabalho.

Os trabalhos arqueológicos relacionados com a necrópole medieval da Casa Romana foram realizados entre junho de 2017 e novembro de 2022 e enquadrados nas campanhas anuais de escavação realizadas no decorrer do projeto supramencionado. No total, foram identificadas 26 sepulturas até ao final da campanha de 2022.

3. A ANTROPOLOGIA FUNERÁRIA E A AUSÊNCIA DE OSSOS HUMANOS

Das vinte e seis sepulturas identificadas foram escavadas vinte e três (n^{os} 1 a 6 e 8 a 24). As sepulturas 9 e 10 têm organização trapezoidal que acompanharia, genericamente, a forma do corpo humano, enquanto as restantes apresentam forma subretangular.

Estas últimas foram abertas diretamente no geológico natural, ainda que tenham afetado unidades e/ou níveis de ocupação cronologicamente atribuíveis à Idade do Ferro durante o processo de desaterro. A base destes sepulcros corresponde, na sua generalidade, ao substrato geológico, ainda que, na base das sepulturas 1 (cabecreira), 3 (parte central e pés), 4, 7 e 21 a 24 (na totalidade dos sepulcros) sejam perceptíveis unidades relacionadas com anteriores estruturas habitacionais circulares da Idade do Ferro.

A secção das sepulturas intervencionadas apresenta formato retangular com fundos planos e lados paralelos erigidos com recurso a material litológico de granito e corneana de média a grande dimensão, em parte resultante do reaproveitamento de materiais de estruturas da Idade do Ferro e de época Romana. Para além disso, algumas das sepulturas registam a presença de material cerâmico de construção reaproveitado, nomeadamente *tegulae*. As sepulturas 2, 6, 12 e 13 ostentavam lajes da tampa de cobertura também em granito e corneana, apesar de, no caso dos sepulcros 2 e 6, as tampas se encontrarem presentes apenas no último terço, junto aos pés, sinal evidente de violação. Nas restantes sepulturas, se alguma vez existiram, todas as lajes da cobertura estavam já ausentes por completo.

Do interior das sepulturas escavadas não foram recuperados ossos humanos. Apesar disso, o comprimento da maioria das sepulturas (n=23; 88,46%) evidencia terem sido destinadas muito provavelmente a indivíduos adultos, enquanto pelo menos as sepulturas 4, 8 e 17 (n=3; 11,54%) terão sido utilizadas para inumação de não adultos.

Finalizada a deposição do cadáver, a sua sepultura parece ter sido de seguida preenchida com sedimento – assim aparentam as tumulações com tampa ainda completa e que não tinham sido violadas. Nesse sentido, a decomposição dos tecidos moles e ósseos terá ocorrido em espaço preenchido. Uma das principais razões para a total ausência de restos humanos esqueletizados será a reconhecida acidez dos solos graníticos que aceleram as altera-

ções tafonómicas que resultam na destruição muitas vezes completa do material osteológico humano, tal como é o caso da presente necrópole. Com efeito, e para além de vários outros fatores, quer intrínsecos, quer extrínsecos ao próprio osso, o pH do solo onde foram realizadas as inumações assume importância central na preservação óssea a longo termo na necrópole da Casa Romana, como aliás é largamente reconhecido noutros sítios arqueológicos para a área geográfica em estudo, onde não foram recuperados ossos ou se encontravam muito mal preservados (*e.g.*, Santos *et al.*, 2016, p. 17-33). O solo ácido é o agente destrutivo mais comum do osso humano, atuando através da dissolução da matriz inorgânica de hidroxiapatite (Janaway & *alii*, 2009, p. 321). Para além disso, assim que a ligação mineral proteica é quebrada, o osso torna-se vulnerável à dissolução relacionada com outros fatores ambientais (Janaway & *alii*, 2009, p. 321). Tudo isto limitou sobremaneira o estudo da população inumada na necrópole, uma vez que impediu qualquer tipo de análise posterior à escavação (*e.g.*, avaliação do perfil biológico, datação por radiocarbono, paleodietas).

Quanto ao espólio cerâmico exumado provém, em exclusivo, dos depósitos de enchimento posteriores à inumação. Na realidade, em todos os sepulcros escavados, presumivelmente individuais, é de notar a ausência de oferendas e um total anonimato, em linha com o pensamento vigente na época alto-medieval em que a conceção coletiva de destino e de espaço cemiterial sagrado relativiza o espaço sepulcral individual (Santos, 1992, p. 35; Branco e Vieira, 2008, p. 142). Na realidade, para além de poder refletir as evidentes violações dos sepulcros em período indeterminado posterior às inumações, estará também associada ao próprio ritual cuja prática é relativamente frequente em contextos funerários alto-medievais de regiões mais interiores, em populações cujos poucos recursos seriam utilizados na construção da estrutura tumular (Martins, Lopes e Cardoso, 2014, p. 293). Todas as sepulturas da necrópole da Casa Romana apresentam orientação canónica, apesar da maior parte exibir uma pequena variação para sudoeste-nordeste (sepulturas 1 a 8, 11 a 26). Nesse sentido, e tal como refere Mário Barroca (1987, p. 123), a orientação de uma sepultura seria obtida tendo em conta o nascer e o pôr-do-sol, pelo que é possível encontrar enterramentos que, embora apresentando uma orientação genérica oeste-este, revelem ligeiros desvios axiais com amplitudes máximas de 40°.

A orientação das sepulturas em época medieval é normalmente muito menos variável que em épocas pós-medievais, altura em que a maior densidade de ocupação do espaço de inumação e a necessidade de utilização do cemitério nos adros das igrejas portuguesas ao longo de centenas de anos vai conduzir a uma maior variabilidade na orientação dos sepulcros (Magalhães, 2020, p. 101).

Ainda uma referência para a estrutura murária [686], identificada no limite sudeste da área da necrópole e que se encontra, aparentemente, a circunscrever as sepulturas identificadas até à campanha de escavações de novembro de 2022. Este muro, de cronologia medieval, parece configurar a delimitação do espaço associado à necrópole, ainda que se tenha preservado apenas uma extensão com cerca de 4 metros de comprimento. A estrutura, orientada no sentido norte-sul, apresenta 1,70 metros de largura máxima e 0,50 metros de altura máxima, correspondendo a um amontoado de pedras estruturadas não argamassadas com ocasionais fragmentos de *tegulae* envoltas por terras.

4. A ARQUITETURA FUNERÁRIA E AS DIFERENTES FASES DE CONSTRUÇÃO

A escavação revelou uma necrópole de caráter relativamente homogêneo em termos de arquitetura sepulcral e com um nível cuidado em matéria de estruturação espacial. Subsistem, ainda assim, algumas diferenças estruturais no conjunto das sepulturas estudadas o que permite uma aproximação a diferentes tipologias tendo por base a classificação proposta por Gisela Ripoll (1996). À exceção das sepulturas 7, 25 e 26, cujo enquadramento tipológico ainda não é possível aferir por não terem sido escavadas, registam-se tumulações enquadáveis nas diferentes tipologias definidas por Ripoll (1996, pp. 219-224) para a arquitetura funerária na Hispania entre os séculos V e VIII (Tabela 1).

As sepulturas da necrópole aqui estudadas apresentam-se sequenciadas paralelamente com afastamento máximo de 0,40 metros e que, no caso das sepulturas 1, 2 e 6, das sepulturas 4, 5, 18 e 19, e das sepulturas 23 e 24, é mesmo inexistente. As sepulturas foram sucessivamente alinhadas, sugerindo uma organização provavelmente distribuída por três conjuntos, evidenciando uma diacronia ocupacional relativamente ampla. A fase I, a mais antiga, é representada pela sepultura 15, integralmente es-

cavada no geológico. Apresenta a base construída unicamente por 12 fragmentos de *tegulae* fragmentados e dispostos de forma invertida. Esta sepultura foi profundamente afetada pelas ações de plantio de época Contemporânea que lhe alteraram profundamente a tipologia construtiva, apenas subsistindo, tal como mencionado, a sua base. Encontra-se isolada e ostenta um caráter mais antigo no conjunto da necrópole identificado até ao momento, a partir da qual os restantes enterramentos se foram organizando. A tal não deve ser alheio o facto de se tratar de uma sepultura com características construtivas distintas, o que poderá significar uma intenção de hierarquização do espaço cemiterial em função de um núcleo inicial de inumação, seja ele associado a uma via ou a um templo. Tendo ou não esse caráter, outras hipóteses poderão ser colocadas para a sua peculiaridade, designadamente a possibilidade de nos encontrarmos perante uma tumulação que visa, pela diferenciação arquitetónica, a distinção social. A fase II corresponde à fase intermédia de ocupação do espaço cemiterial e é representada pela maior parte das sepulturas (1 a 6, 8, 11 a 14, 16 a 24), evidenciando que a elas poderá ter estado associado o grosso da utilização do local. Sendo difícil estabelecer sequências cronológicas entre os diversos sepulcros, dado que não foi registado qualquer entrecruzamento ou afetação entre a maioria das estruturas, é possível, ainda assim, determinar que alguns sepulcros (sepulturas 2 e 4) equivalem a um derradeiro momento de inumação desta fase construtiva. A sepultura 2, estruturada em granito e corneana, trancou, ainda que parcialmente, as sepulturas 1 e 6, enquanto que a sepultura 4 afetou, ainda que muito parcialmente, a sepultura 19. Também desta fase, os sepulcros 4, 11, 12, 18 e 21 revelaram algumas particularidades que devem ser assinaladas. Na sepultura 4 verificamos que a mesma foi reduzida, ostentando um comprimento interno inicial de 1,28 metros, tendo a mesma numa fase posterior de reajustamento ou reutilização do sepulcro, sido diminuída para os 1,08 metros. A sepultura 11 é a única com vestígios materiais coevos da inumação, designadamente uma fivela em bronze com diâmetro máximo de 2 centímetros, recolhida na base da unidade, a escassos centímetros do nível geológico e possivelmente relacionada com a indumentária do indivíduo aqui enterrado. À semelhança das sepulturas 14 e 15, foi muito perturbada pelas ações de plantio de época Contemporânea que truncam

cerca de metade do sepulcro, afetando particularmente a zona da cabeceira. Já na sepultura 12 foi identificado um reaproveitamento de pedras, designadamente na cabeceira, onde foi identificado um umbral de porta ou janela. Finalmente, nas sepulturas 18 e 21 verificamos a presença de apoio, na zona da cabeceira e pés, para os indivíduos aqui sepultados. Estes apoios são formados por pedras de médias dimensões, dispostas de forma a sobrelevar a cabeça e os pés do inumado. Na primeira apenas subsiste a presença do apoio na zona da cabeceira, estando ausente toda a zona dos pés, em consequência das perturbações causadas pelo plantio em época Contemporânea que truncaram toda a parte terminal do sepulcro.

Quanto à fase III, a derradeira época de ocupação da necrópole, as sepulturas 9 e 10 são as mais recentes, assentando sobre depósitos, que por sua vez se encontram sobre as sepulturas 2, 6, 7, 11 e 12.

5. PROPOSTA CRONOLÓGICA

A proximidade de vias é por vezes apontada como condicionante para a localização e orientação de sepulturas rupestres, por exemplo, como era uso entre os romanos. O mesmo parece acontecer ainda ao longo da Idade Média (Barroca & Morais, 1983, p. 39). Sobretudo durante a época Romana, os espaços funerários eram intencionalmente mantidos distanciados do mundo dos vivos, sendo destinados aos locais de trânsito e passagem. Este distanciamento tem as suas raízes na conceção pagã da morte em que a coexistência do espírito com o cadáver no espaço sepulcral poderia ter consequências funestas para os vivos (Barroca, 1987, p. 9). Pelo contrário, o Cristianismo não obsta à proximidade dos mortos com o *habitat*, no sentido em que, após a morte, a alma deixa a vida terrena de forma a alcançar a eternidade (Baumgartner, 2001, p. 116; Vieira, 2004, p. 76). Contudo, esta alteração no quadro mental das primitivas comunidades cristãs foi um processo longo e lento. Os povos germânicos mantiveram o distanciamento entre as necrópoles e o espaço habitacional, pelo que esta fusão entre ambos os espaços apenas se generaliza na Europa ocidental nos séculos VIII ou IX (Barroca, 1987, p. 12). Embora esta assunção não invalide a sua estruturação em torno de um templo paroquial primitivo, à laia de *tumulatio apud ecclesiam* (Aries, 2000, pp. 53-56), a verdade é que a nítida intenção de organização da necrópole da Casa

Romana, que sugere algum tipo de “supervisão” eclesiástica, não prova, *per si*, a existência de uma organização paroquial que aglutinasse, em torno de um espaço cemiterial único, todos os enterramentos (Vieira, 2004, p. 78). De facto, no Entre-Douro-e-Minho, mesmo considerando o pressuposto de que uma aproximação ao espaço religioso facilitaria a salvação da alma (Baumgartner, 2001, p. 116; Tente e Lourenço, 2002, p. 210), o enterramento à roda dos templos paroquiais parece ter sido um fenómeno mais tardio que se tende a generalizar apenas no final da Alta Idade Média. Até lá, é possível que uma mesma paróquia possuísse diferentes espaços de enterramento ou um único, embora não obrigatoriamente localizado em torno do seu templo (Barroca, 1987, p. 129). Martins Sarmento (1999, p. 138) refere que o castro de São Domingos retira o nome de uma antiga capela que terá existido no topo do monte, dedicada àquele orago. Na realidade, em nenhuma das campanhas de escavação realizadas até ao momento foi identificado qualquer vestígio de um possível templo. As escavações realizadas por outros investigadores no topo do castro de São Domingos (Pinto, 2008, pp. 45-63) também não confirmaram a assunção daquele autor e apenas identificaram vestígios mais antigos. Neste particular refira-se, todavia, a descoberta, em 2012, de um sarcófago monolítico, atualmente desaparecido, na base da vertente norte do castro, na sequência de trabalhos de arroteamento para a atividade agrícola. É ainda de assinalar que a escolha do local de implantação da necrópole parece ser também o resultado de um conhecimento prévio das condições naturais do local, nomeadamente da sua componente geológica. Na verdade, todas as sepulturas intervencionadas localizam-se num afloramento de corneanas pelíticas limitado a este e oeste por massas granitoides (Novais & *alii*, 2014, p. 212), cujas características de desagregação possibilitaram uma fácil abertura das sepulturas.

Uma das grandes interrogações que resulta das campanhas de escavação até agora realizadas (e que continua em aberto) é a do enquadramento cronológico da necrópole. Com base nas características formais de algumas das sepulturas na necrópole da Casa Romana é possível estabelecer paralelos com exemplares estudados em outras necrópoles intervencionadas em território nacional. É o caso dos sepulcros da necrópole de Vale de Condes, em Alcoutim (Inácio, 2010, p. 209), da necrópole de Vale dos Sinos, em Mogadouro (Lemos & Marcos, 1984, p. 71-89), da

necrópole de S. Caetano, em Chaves (Lemos, 1987, p. 149-176), ou, em particular, das necrópoles de São Miguel, em Caldas de Vizela (Queiroga, 2013 p. 186; Arezes, 2017, pp. 217-222) e do Laranjal de Cilhades, em Torre de Moncorvo (Santos & *alii*, 2016, p. 17-33). Esta última apresenta como principal diferença a matéria-prima utilizada (o xisto no Laranjal, a corneana e o granito na Casa Romana de São Domingos), mas perfeitamente justificável pelo aproveitamento local das diferentes geologias em ambas as necrópoles. Também em Cilhades temos um conjunto de sepulturas caracterizado como verdadeiras caixas sepulcrais, tendencialmente retangulares e/ou trapezoidais, com lajes a erigir as paredes e a cobertura que, tal como em Lousada, acompanham transversalmente o eixo maior de vários sepulcros (Santos & *alii*, 2016, p. 17-33). Os autores enquadram cronologicamente a necrópole entre os séculos VI e XIII através de duas datações por radiocarbono, atribuindo, no entanto, uma cronologia mais antiga às sepulturas em caixa dentro daquele espectro cronológico. Também em Cilhades foi encontrado escasso espólio associado aos enterramentos, para além de ter sido registado aquilo que parece ter sido um muro delimitativo do cemitério (Santos & *alii*, 2016, p. 17-33), o que está de acordo também com a estrutura identificada em Lousada descrita atrás e que parece ter tido as mesmas funções.

Um outro excelente paralelo, pelas características tipológicas de boa parte das sepulturas escavadas, é o da necrópole de São Miguel, em Caldas de Vizela (a menos de 12 quilómetros da necrópole da Casa Romana), com utilização entre o século VI e VII (Arezes, 2017, pp. 220-221). Os catorze sepulcros ali identificados foram construídos com blocos de granito de média a grande dimensão, muitos deles resultando de elementos arquitetónicos romanos reaproveitados, com as respetivas bases a exibirem ladrilhos ou diretamente alicerçadas no substrato geológico (Arezes, 2017, p. 219-220). Também nesta necrópole são descritos sepulcros que exibem uma inquestionável conexão através da partilha de uma das paredes (Arezes, 2017, p. 220). Esta situação é igualmente perceptível na necrópole da Casa Romana, onde a construção da sepultura 2 é claramente posterior às sepulturas 1 e 6, tendo aquela aproveitado as paredes das anteriores, ainda que isso tenha resultado num menor cuidado e qualidade da mesma, particularmente na zona da cabeceira, no contacto com a sepultura 6. No caso da necrópole de São Miguel,

para além da escassez de materiais e falta de espaço, é apontada a possibilidade de os indivíduos inumados em sepulcros com uma ligação física terem partilhado um vínculo de natureza familiar. Esta última hipótese parece-nos igualmente verosímil para os indivíduos inumados nas sepulturas 2 e 6, uma vez que, nem a ausência de materiais, nem a falta de espaço justificam esta opção.

Não obstante as múltiplas incertezas e questões colocadas pelo conjunto funerário em análise, a conjugação das características elencadas leva-nos a apontar para um conjunto de inumações entre a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média, portanto cronologicamente balizável entre os séculos V e VII. A sua utilização ter-se-á iniciado após o abandono do povoado, entre o século IV e V, uma vez que parte dos sepulcros afetaram realidades arqueológicas de anteriores ocupações antrópicas relacionadas com a Idade do Ferro (sepulturas 1, 3, 4 e 7), sendo igualmente perceptível que a quase totalidade dos mesmos foi erigida com recurso a elementos arquitetónicos removidos de anteriores estruturas habitacionais de cronologia romana. Infelizmente, a ausência de ossos leva a que a datação da necrópole seja apenas possível realizar de forma indireta, através de paralelos estabelecidos com outros espaços funerários similares. Estas limitações apenas poderão ser ultrapassadas com novas evidências arqueológicas e antropológicas provenientes de futuras campanhas a realizar no local.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os vinte e três sepulcros escavados na necrópole do castro de São Domingos mostraram a total ausência de ossos humanos preservado e a acidez do solo terá sido o fator que para isso mais contribuiu, tal como acontece em outras necrópoles no norte do país. Estas limitações impedem qualquer tipo de análise aos ossos em fase posterior à escavação. Apesar disso, foi ainda possível perceber através do comprimento das sepulturas, todas com orientação canónica, que pelo menos três deverão ter pertencido a indivíduos não adultos.

No geral, as sepulturas têm forma subretangular, enquanto as nº 9 e 10 mostram organização trapezoidal que acompanharia a forma do corpo humano. Para além disso, foi possível identificar pelo menos três tipologias sepulcrais diferentes, sendo a sepultura 15 a mais antiga e a partir da qual foram abertas a maior

parte das restantes sepulturas. Foi ainda identificado um muro que parece limitar a necrópole a sudeste. A aparente ausência de vestígios materiais de um templo agregador em torno do qual se polarize a necrópole não pode deixar de nos remeter, em hipótese, e considerando a fase atual dos trabalhos arqueológicos ainda em curso, para um contexto de tradição cemiterial em torno de uma via. Apesar do aparente silêncio dos dados arqueológicos, esta e outras dúvidas que rodeiam a organização espacial, tipificação das arquiteturas funerárias e cronologia da necrópole apenas poderão obter clarificação em função da prossecução dos trabalhos arqueológicos e do alargamento da escavação na área envolvente à necrópole da Casa Romana do castro de São Domingos por via da segunda fase do projeto “Escavação, estudo e musealização da Casa Romana do castro de São Domingos”.

BIBLIOGRAFIA

- Academia das Ciências de Lisboa, ed. lit., 1888-1897 – *Portvgaliae monvmenta historica: a saeculo octavo post Christum usque ad quintumdecimum... Inquisitiones. Volume I*, Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.
- ALARCÃO, Adília M., (1958) – Sigillata hispânica em museus do Norte de Portugal. *Revista de Guimarães*, 68 (3-4), pp. 249-315.
- AREZES, Andreia (2017) – O mundo funerário na Antiguidade Tardia em Portugal: As necrópoles dos séculos V a VIII. Vol. I, *Coleção Teses Universitárias*, n.º 9. Edições Afrontamento, Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória.
- ARIES, Philippe (2000) – *O Homem perante a morte*. Vol. 1. Mem-Martins: Europa América.
- BARROCA, Mário J.; MORAIS, A. C. (1983) – Sepulturas medievais na terra de Aguiar da Pena (Vila Pouca de Aguiar). *Arqueologia* (GEAP). Porto. 8, pp. 92-101.
- BARROCA, Mário J. (1987) – *Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho (Séc. V a XV)*. Dissertação para Provas Públicas de Capacidade Científica, apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: Policopiado.
- BAUMGARTNER, Mireille (2001) – A Igreja no Ocidente Medieval: das origens às reformas no século XVI. Lisboa: Edições 70.
- BRANCO, Gertrudes e VIEIRA, Marina A. (2008) – Outeiro do Vale: sepulturas de Nogueira de Côta (Côta, Viseu). *Cuadernos De Prehistoria Y Arqueología De La Universidad Autónoma De Madrid*, 34. pp. 125-146.
- CARDOZO, Mário (1947) – *Correspondência Epistolar entre Emilio Hubner e Martins Sarmiento (Arqueologia e Epigrafia), 1879 – 1899*. Coligida e anotada por Mário Cardozo. Guimarães, Sociedade Martins Sarmiento.
- COSTA, A. C. (1706) – *Corografia portuguesa e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, gealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens. Tomo primeyro*. Lisboa: na officina de Valentim da Costa Deslandes impressor de Sua Magestade, & á sua custa impresso.
- DIAS, Lino T. (1997) – *Tongobriga*. Lisboa: IPPAR/Ministério da Cultura, Lisboa.
- DINIS, A. P. (2001) – O povoado da Idade do Ferro do Cras-toeiro (Mondim de Basto, Norte de Portugal). *Cadernos de Arqueologia* 13. Monografias. Braga: Universidade do Minho.
- FONTES, L. e PEREIRA, B. (2009) – Coleção de Epigrafia e de Arquitetura Medievais (séculos IX-XIV). Vol. II. Braga: IHAC-Arquidiocese de Braga.
- INÁCIO, I. (2010) – Vale de Condes, Alcoutim: um sítio tardio-antigo da Diocese de *Ossonoba*. Promontoria. Números 7/ 8, pp. 99-133.
- IGEOE – Instituto Geográfico do Exército, 1998 – Carta Militar de Portugal. *Série M888*, Folha n.º 112, 1:25000. Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.
- JANAWAY, R. C.; PERCIVAL, A. S.; WILSON, A. S. (2009) – Decomposition of human remains. In PERCIVAL, S. L., ed. – *Microbiology and aging*. Nova Iorque: Springer, pp. 313-334.
- LANHAS, Fernando (1971) – Lousada: Arqueologia. In *Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura*. 12. Lisboa: Editorial Verbo. pp. 574-575.
- LEMOES, Francisco S. (1987) – A Necrópole Medieval de S. Caetano, Chaves. *Cadernos de Arqueologia*. Série II, Volume 4. Braga: Universidade do Minho, pp. 149-176.
- LEMOES, Francisco S.; MARCOS, D. (1984) – A Necrópole Medieval de Vila de Sinos. *Cadernos de Arqueologia*. Série II, Volume 1. Braga: Universidade do Minho, pp. 71-89.
- LEMOES, Paulo André P.; PEREIRA, Gabriel Rocha (2017) – Escavação, Estudo e Musealização da Casa Romana do Castro de São Domingos (Cristelos – Lousada) – Relatório da 1.ª Campanha de Trabalhos Arqueológicos. Lousada (Policopiado).
- LEMOES, Paulo André P.; PEREIRA, Gabriel Rocha (2018) – Escavação, Estudo e Musealização da Casa Romana do Castro de São Domingos (Cristelos – Lousada) – Relatório da 2.ª Campanha de Trabalhos Arqueológicos. Lousada (Policopiado).
- LEMOES, Paulo André P. (2020) – *Requalificação do Adro da Igreja Paroquial de Cristelos (Santo André) (Cristelos – Lou-*

sada): *Resultados das sondagens de avaliação arqueológica/acompanhamento arqueológico*. Oppidum – Revista de Arqueologia, História e Património. pp. 120-135.

LEMOS, Paulo André P. (2021) – Escavação, Estudo e Musealização da Casa Romana do Castro de São Domingos (Cristelos – Lousada) – Relatório da 3.^a Campanha de Trabalhos Arqueológicos. Lousada (Policopiado).

LEMOS, Paulo André P. (2022) – Escavação, Estudo e Musealização da Casa Romana do Castro de São Domingos – Fase 2 (Cristelos – Lousada) – Relatório da 4.^a Campanha de Trabalhos Arqueológicos. Lousada (Policopiado).

LEMOS, Paulo André P. (2023) – Escavação, Estudo e Musealização da Casa Romana do Castro de São Domingos – Fase 2 (Cristelos – Lousada) – Relatório da 5.^a Campanha de Trabalhos Arqueológicos. Lousada (Policopiado).

LEMOS, Paulo; NUNES, Manuel; LEITE, Joana (2015) – A “Casa Romana” do Castro de São Domingos: *Intervenção arqueológica e valorização patrimonial*. Relatório Final. Lousada (Policopiado).

MARTINS, Andrea; LOPES, Gonçalo e CARDOSO, Marisa (2014) – *Intervenção arqueológica nas necrópoles do Monte da Pecena 1 e Cabida da Raposa 2*. In 4.^o Colóquio de Arqueologia do Alqueva. O Plano de Rega (2002 – 2010). Memórias d’Odiária – 2.^a Série. EDIA – Empresa de desenvolvimento e infra-estruturas do Alqueva DRCALEN – Direcção Regional de Cultura do Alentejo. Évora. pp. 289-294.

MARTINS, Manuela, (1988) – Povoado fortificado do Lago, Amares. Cadernos de Arqueologia 1. Monografias. Braga: Universidade do Minho.

MARTINS, Manuela, (1990) – *O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado*. Cadernos de Arqueologia. Monografias. Braga: Universidade do Minho.

PINTO, Marcelo Mendes (2008) – Do castro de S. Domingos a Meinedo: Proto-história e Romanização na bacia superior do rio Sousa. *Oppidum – Revista de Arqueologia, História e Património*, número especial, pp. 45-63.

NOVAIS, Hugo; LEMOS, Paulo; LEITE, Joana; NUNES, Manuel (2014) – As rochas do edificado da “Casa Romana” (Cristelos – Lousada). Variação cronológica da sua tipologia e origem. *Oppidum*. Lousada. 7, pp. 211-216.

NUNES, Manuel; LEMOS, Paulo; LEITE, Joana; NOVAIS, Hugo; OLIVEIRA (2011) – Estruturas negativas da “Casa Romana” do Castro de São Domingos (Lousada): as fossas escavadas no saibro. *Oppidum*. Lousada. 5, pp. 61-84.

PEIXOTO, F. A. (1913) – Louzada, sua origem ou antiguidade. *Jornal de Louzada*, Edição de 25.5.1913. p. 1.

PINHO LEAL, Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de (1874) – *Portugal antigo e moderno Diccionario Geographico, Estatistico, Chorografico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias (...)*. Lisboa. II, p. 450.

QUEIROGA, Francisco M. V. Reimão (2013) – Algumas notas sobre a arqueologia da área urbana de Vizela. *Revista da Faculdade de Letras Ciências e Técnicas do Património*. Porto. XII, pp. 181-201.

RIPOLL, G. L. (1996) – La arquitectura funeraria de Hispania entre los siglos V y VIII: aproximación tipológica. In *Spania. Estudios d’Antiquitat Tardana Oferts en Homenage al professor Pere de Palol I Salellas*. Barcelona: Abadia de Montserrat. pp. 215-224.

SANTOS, A. C. C.F. (1992) – Contributo para o estudo das sepulturas rupestres do monte do Senhor da Boa Morte. *CIRA: Boletim Cultural*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 5, pp. 13-48.

SANTOS, Filipe; ROSSELLO, Miquel; SANTOS, Constanca; CARVALHO, Liliana; ROCHA, Fábio (2016) – Aspetos da Morte no Vale do Sabor. O Mobiliário Funerário Tardo Antigo das Inumações do Laranjal de Cilhades (Felgar, Torre de Moncorvo). Achegas à Cronologia de uma necrópole de Longa Duração. *Arqueologia Medieval*. Nº 13. Porto: Campo Arqueológico de Mértola, pp. 17-33.

SARMENTO, F. M. (1999) – Antiqua. Apontamentos de Arqueologia (Leitura e organização de António Amaro das Neves). Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, 1999, p. 138.

SILVA, A. C. F. (1986) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

TENTE, Catarina e LOURENÇO, Sandra (2002) – Sepulturas Medievais do Distrito de Évora. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 5. Nº. 1. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 239-258.

VIEIRA, M.A. (2004) – *Alto Paiva. Povoamento nas épocas romana e alto-medieval*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.



Figura 1 – Localização do Castro de São Domingos (Cristelos, Lousada) (IGeoE, 1998).

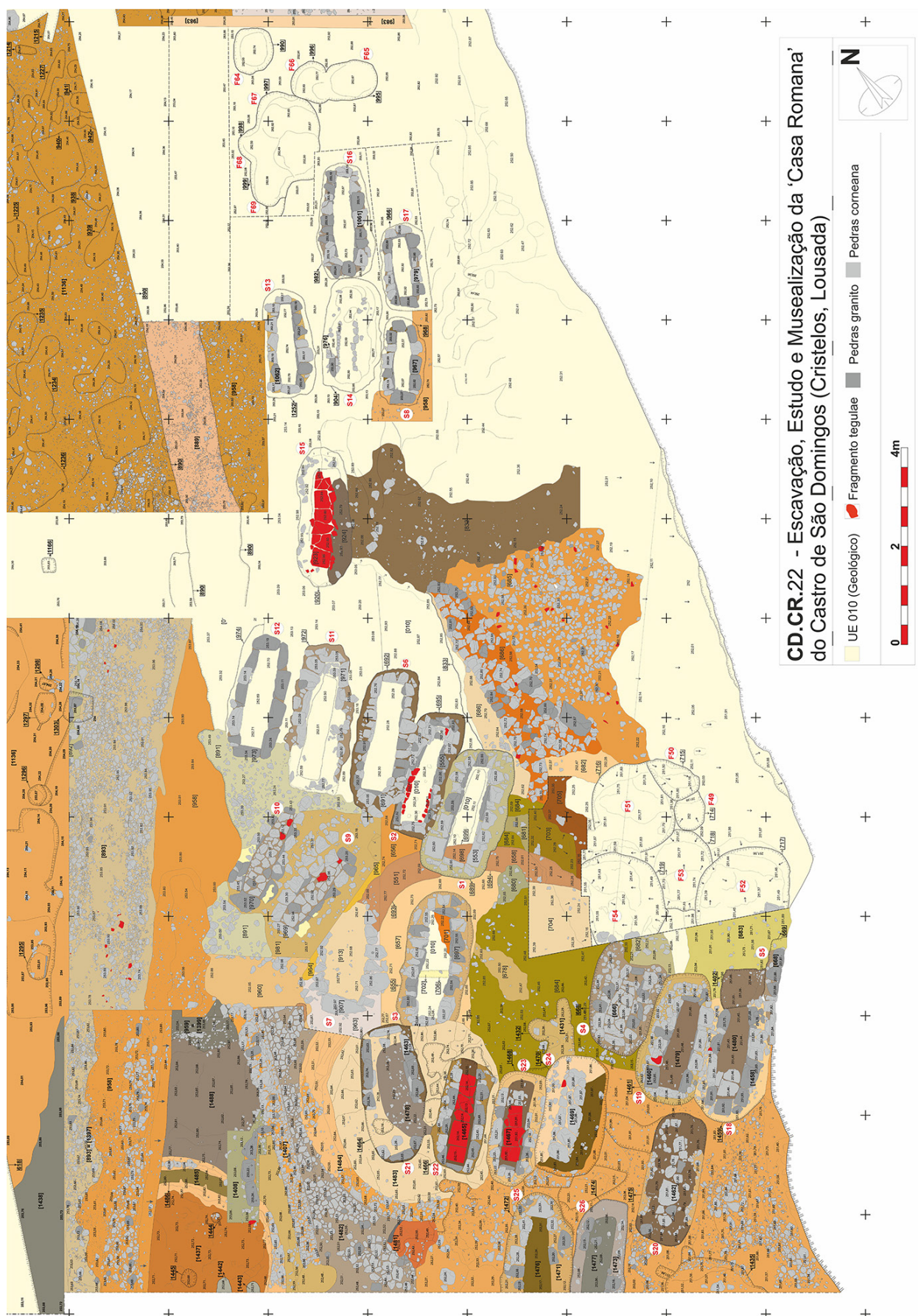


Figura 2 – Desenho da área correspondente à necrópole medieval identificada no castro de São Domingos.



Figura 3 – Ortofotografia de parte da área correspondente à necrópole medieval identificada no castro de São Domingos. Fotografia: João Fernando Teixeira Marques Silva.



Figura 4 - Sepulturas 1, 2, 6, 9, 10, 11 e 12 da necrópol medieval do castro de São Domingos, plano final.

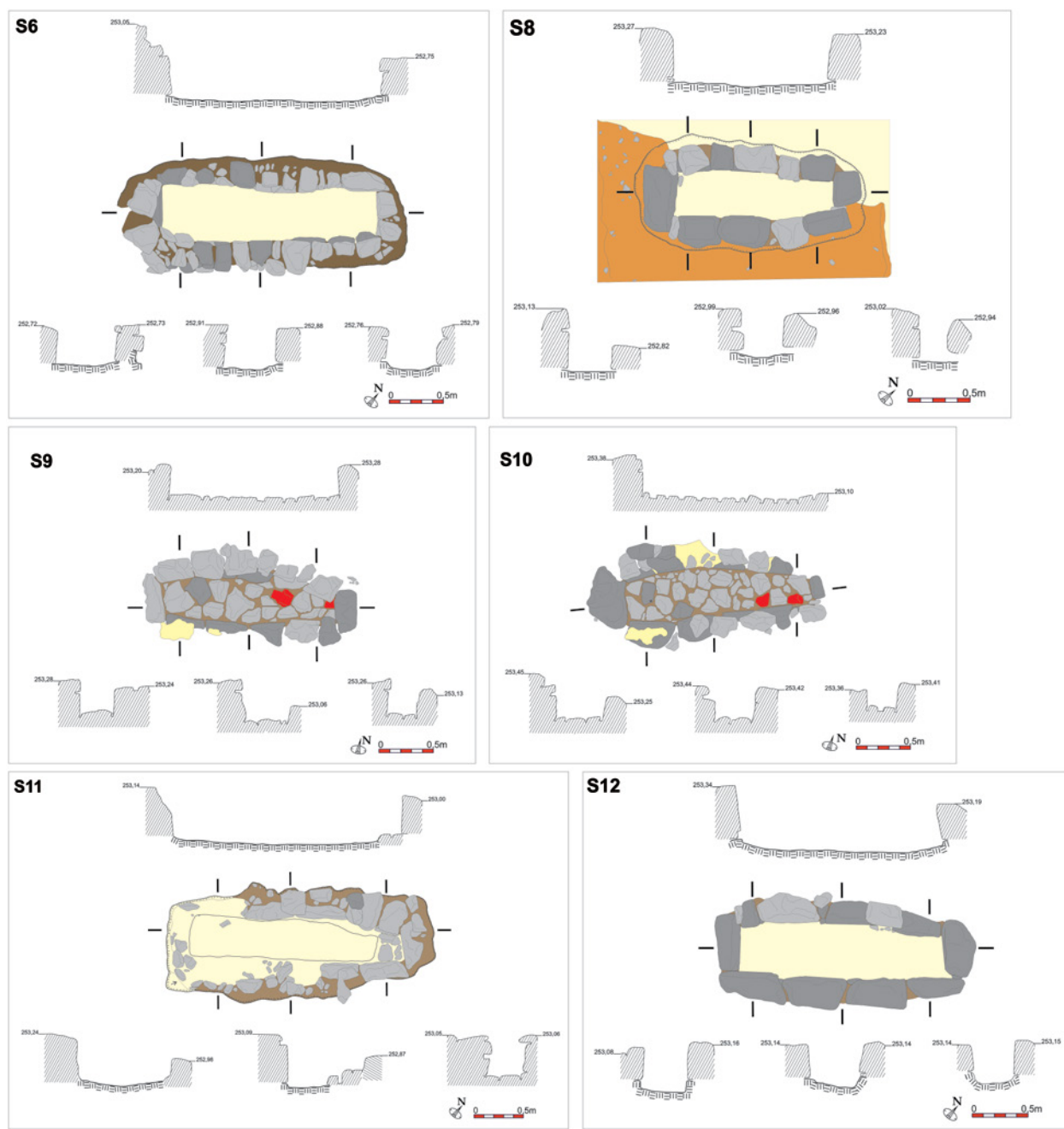


Figura 5 – Desenho das sepulturas 6 e 8 a 12 da necrópole medieval do castro de São Domingos, plano final.



Figura 6 – Sepulturas 21 e 22 da necrópole medieval do castro de São Domingos, plano final.



Figura 7 – Sepulturas 2, 6, 12 e 13 da necrópole medieval do castro de São Domingos, plano inicial.



Figura 8 – Sepultura 9 da necrópole medieval do castro de São Domingos, plano final.



Figura 9 – Sepulturas 15, 22 e 23 da necrópole medieval do castro de São Domingos, plano final.

Tipologia	Fase	Nº de sepultura	Descrição
III B	Fase I Mais antiga	15	Sepultura totalmente edificada em tegulae, de tradição romana. A escavação revelou unicamente a base da sepultura, edificada com recurso a grandes fragmentos de tegulae invertidos e ladeados por pequenas pedras destinadas a calçar as tegulae que definiriam, verticalmente, as paredes laterais.
VII A	Fase II Intermédia	1 a 6, 8, 11 a 14, 16 a 24	Sepulturas construídas com pedras de pequena e média dimensão com lajes de cobertura de grandes dimensões. No que respeita às sepulturas 1, 3, 4, 5, 8, 11, 14, 16 a 24 ainda que nas mesmas não tenham sido identificadas lajes de cobertura, a similitude construtiva destes sepulcros face aos anteriores, permite a assunção de uma tipologia semelhante. A escavação revelou que a base das sepulturas 22 e 23 foi edificada com recurso a grandes fragmentos de tegulae invertidos.
VII B	Fase III Mais recente	9 e 10	Sepulturas construídas com pedras de pequena e média dimensão com lajes de cobertura de grandes dimensões em que a base está pavimentada com pedras de pequenas dimensões e ocasionais fragmentos de tegulae. Infelizmente, ambos os sepulcros com estas características já não apresentam as respetivas lajes de cobertura.

Tabela 1– Tipologias sepulcrais propostas por Ripoll (1996, pp. 219-224) para as quais foram encontrados paralelos na necrópole medieval da Casa Romana do Castro de São Domingos.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO
DIREÇÃO: INEQUILIDADE DE LETRAS - UE
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**